

O RENASCIMENTO ITALIANO

As transformações sofridas no final da Idade Média alteravam a vida econômica e política da Europa. O renascimento comercial e urbano, sobretudo no norte da Itália, proporcionou o desenvolvimento da burguesia possuidora de uma nova visão de mundo. Essa nova visão se cristalizou na mudança de mentalidade e dos padrões culturais, proporcionando o renascimento cultural e artístico.

Com o desenvolvimento das navegações no Mediterrâneo, a Europa passou a sentir as influências das civilizações bizantina e islâmica. A partir daí houve maior contato com a antiga cultura grega clássica.

A burguesia que participava da dinamização econômica e social procurava novos valores e se opunha aos velhos conceitos medievais. O homem redescobria a técnica, tão necessária às navegações quanto às novas situações vividas na Idade Moderna. Isso desenvolveu o espírito de pesquisa para o qual contribuíram, no século XIII, Roger Bacon e Frederico II, imperador do Sacro Império.

Os ricos mercadores, sobretudo os italianos, investiram no momento cultural e artístico desenvolvendo uma ação de apoio às realizações culturais, conhecida como mecenato. Tanto famílias aristocráticas como a Igreja apoiaram o movimento através dos papas Pios II, Júlio II, Alexandre VI e outros.

A visão humanística que caracterizou o renascimento apoiava-se no otimismo, individualismo, naturalismo, interesse pela antiguidade greco-romana e pelo ser humano, e desprezo pela cultura medieval. O humanismo era a glorificação do humano e natural, em oposição ao divino e extraterreno, típico da Idade Média.

O homem passou a dar importância a si mesmo como indivíduo. A natureza passou a ser vista criticamente, e os olhos da ciência passaram a pesquisar como ela funcionava. O humanismo rejeitou a influência medieval procurando definir os limites de atuação entre a ciência e a religião.

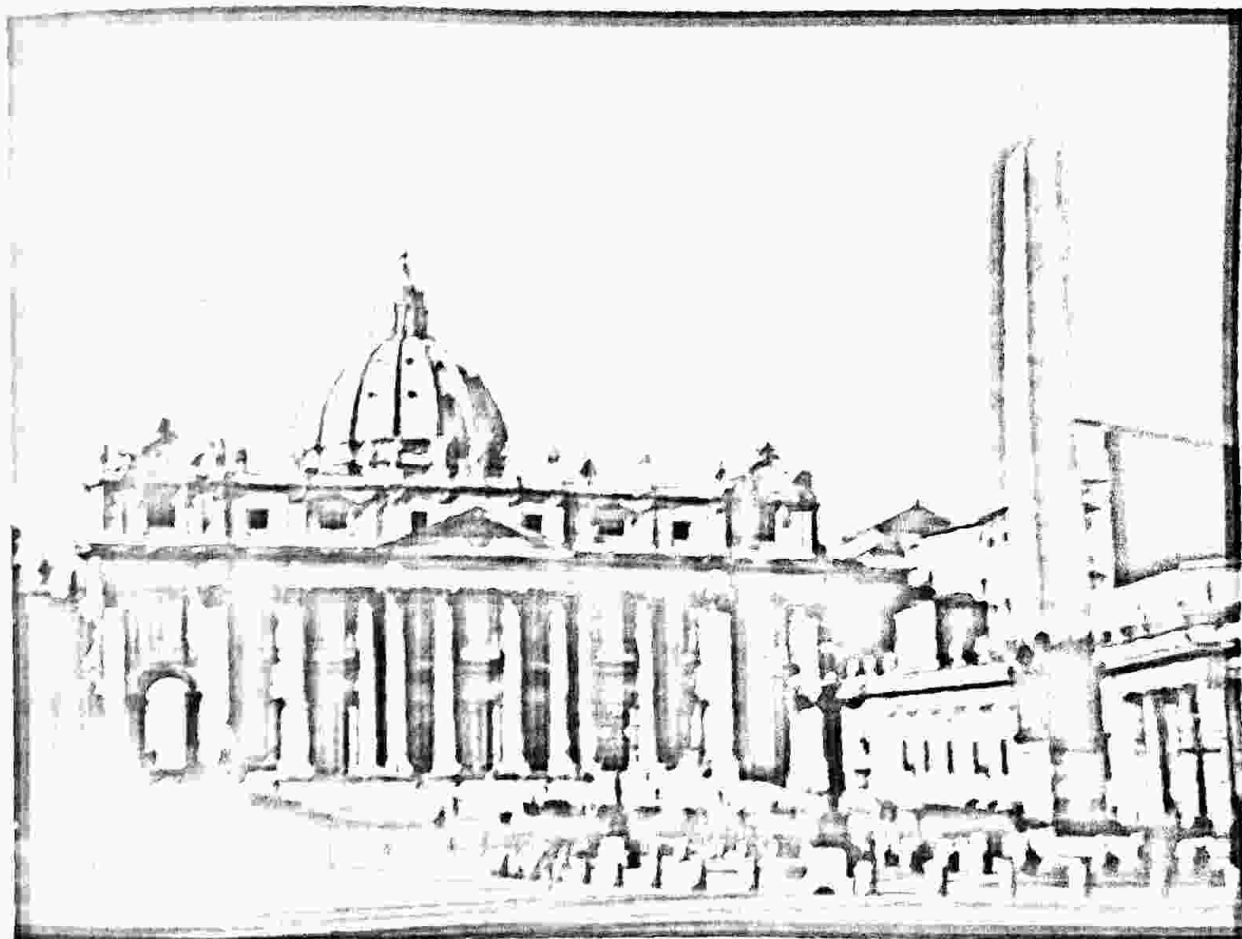
Desenvolveu-se a preocupação com as ciências humanas. A história passou a ser melhor estudada, conhecendo-se mais profundamente as civilizações da Grécia e de Roma, de onde foram importados os modelos.

A ciência política desenvolveu-se com a obra do italiano Maquiavel. Com o seu livro *O príncipe*, procurou refletir sobre o livre exame dos fatos históricos, atacando as tradições medievais e propondo a ruptura do poder temporal com o poder espiritual.

O desenvolvimento comercial das cidades italianas foi responsável pelo suporte econômico do Renascimento. As cidades-estados italianas dedicavam-se ao comércio, e a nobreza urbana foi aos poucos desvinculando-se de suas ligações feudais e assumindo valores e interesses da burguesia mercantil. Famílias poderosas da Itália fizeram parte do mecenato, como os Médicis, de Florença, os Sforzas, de Milão e tantos outros.

A tradição da cultura romana era muito forte na Itália. Ainda restavam muitos monumentos artísticos e literários da civilização romana.

As cidades italianas, especialmente Florença, sede de banqueiros e centro de uma poderosa indústria de tecidos, eram politicamente estáveis e centralizadas, oferecendo relativa segurança aos intelectuais italianos e de outras regiões que lá se estabeleceram.



Basílica de São Pedro, Roma, 1506-1626.

Diante desse quadro socioeconômico italiano extremamente rico, podemos perceber que havia condições na Itália para um desenvolvimento cultural e artístico, culminando no movimento renascentista.

De um modo geral, os princípios estéticos do Renascimento são:

- a) Arte como estudo da natureza (corpo humano e paisagens devem ser desenhados sem disfarce);

- b) Arte como propósito moral de melhoria social, aspirando ao ideal;
- c) Pintura e escultura são coisas do espírito, da inteligência e não vistos como artes mecânicas;
- d) Descobrimento da perspectiva científica e a elaboração das teorias matemáticas da proporção.

Arquitetura

As primeiras características da arquitetura renascentista são: presença de coluna, capitéis suspensos, cornijas salientes, janelas de dupla abertura e altos-relevos.

O Renascimento procura reviver os modelos clássicos greco-romanos. Não os revive, porém, no sentido de cópia literal ou simples imitação. Adapta-os às necessidades e ao gosto da época. As formas e, sobretudo, os princípios racionais e lógicos a que os antigos gregos e romanos submetiam as suas construções a fim de que os edifícios fossem funcionais e expressivos, tudo isso se tornou objeto de penetrantes estudos e interpretação original na Renascença.

Os modelos inspirados no classicismo greco-romano, inicialmente difundidos na Itália difundem-se também, pouco depois, nos demais países da Europa. Encontram certas resistências, em especial, no norte, onde somente mais tarde serão aceitos, substituindo as velhas e ainda sobreviventes tradições góticas.

O primeiro grande arquiteto do pré-renascimento foi Filippo Brunelleschi criador da "perspectiva exata", em que todos os pontos do espaço retratado obedecem a uma norma única de projeção ao instituir a técnica do "olho fixo" que observa o espaço como que por meio de um instrumento óptico, definindo as proporções do objetos e do espaço entre eles em relação a esse único foco visual. Sua maior obra, a cúpula da catedral de Florença, guarda uma forte influência

gótica. Tendo a forma hexagonal, foi colocada sobre um tambor octogonal. Brunelleschi dispensou os contrafortes laterais medievais e compactou bem as paredes, tornando-as grossas e pesadas.

Outra obra importante desse arquiteto foi a sacristia de San Lorenzo, em Florença. Nela observamos seu gosto pela simetria quando aparecem janelas falsas dispostas ao lado das verdadeiras e nas alas laterais da igreja dispõe colunas que, vistas da extremidade, correspondem às colunas da nave. É considerado o pioneiro dos arquitetos renascentistas.



Rafael — Escola de Atenas — Roma.

O maior exemplo da arquitetura renascentista é a basílica de São Pedro em Roma, construída no local (1506) onde estava situada a antiga basílica do imperador Constantino, por ordem do papa Júlio II.

Bramante, seu primeiro arquiteto, natural de Urbino, projetou uma planta em forma de cruz grega, com ampla e elevada

cúpula central. Mais tarde, Rafael alterou-a, dotando-a de uma forma retangular ou basilical. O projeto de sua cúpula foi obra de Michelangelo, mas foi somente terminada por Giacomo della Porta.

A famosa basílica foi consagrada em 1626 pelo papa Urbano VIII, depois de quase século e meio de trabalhos, quando reinaram mais de 20 papas e nelas colaboraram mais de 10 arquitetos.

Em 1657, o arquiteto e escultor Lorenzo Bernini, artista barroco, desenhou a praça fronteira circular e a monumental colunata, tendo ao centro o obelisco egípcio trazido no século I pelo imperador Calígula. Por suas dimensões, São Pedro do Vaticano é o maior, mais importante e mais rico templo católico do mundo.

Pintura

Os pintores, de um modo geral, procuram reproduzir a realidade, submetida a uma beleza idealista. O espírito clássico, a ordem e as formas simétricas são traços marcantes dessa pintura.

A própria paisagem não é mais um quadro pintado atrás dos personagens. Torna-se independente e contribui para o sentido geral. As figuras são envolvidas pela atmosfera, e a invenção do claro-escuro, por Leonardo da Vinci, parece resultar não apenas do desejo de representar melhor a realidade, mas ainda da necessidade de estabelecer a unidade e fazer com que a luz represente um papel nessa sinfonia.

Os pintores não procuram apenas a beleza, a verdade ideal, mas também, como arquitetos, a nobreza e a grandeza. Enquanto muitos artistas do "Quatrocento", herdeiros dos miniaturistas, enchiam seus quadros de pequenas personagens, os pintores não somente lhe diminuem o número como lhes aumentam as proporções e enchem o campo livre com suas massas. Essa

largueza é sem dúvida uma herança de Giotto como também uma imitação das esculturas antigas, recém-descobertas. Essa grandeza se transforma em seguida na obra de alguns artistas, que serão os maneiristas, num alongamento exagerado dos corpos, na de outros, os barrocos, numa força redundante.

Na pintura renascentista, podemos distinguir três grandes escolas com características próprias, facilmente perceptíveis quando se adquire alguma familiaridade com os seus artistas mais representativos. Essas escolas são: a florentina, a veneziana e a romana.

A florentina cujo centro de irradiação fora a cidade de Florença, a partir sobretudo da segunda metade do século XV, caracteriza-se pelo intelectualismo, que se exprime tanto pelo predomínio da linha sobre a cor como pela sensibilidade espiritualizada do claro-escuro.

A veneziana, que se irradiou de Veneza, notabiliza-se pelo predomínio da cor sobre o desenho ou a linha. Os venezianos são luminosos coloristas. Sugerem o volume e o contorno por meio de massas e cores, exprimindo-se pouco pelo desenho. Falam mais aos sentidos do que ao espírito. São sensuais, decorativos e suntuosos.

A romana realiza o equilíbrio entre a linha dos florentinos e a cor dos venezianos. Em outras palavras, entre o intelectualismo florentino e o sensualismo veneziano, entre a razão e o sentimento.

Analisemos, de forma bem sucinta, alguns pintores dessas três escolas.

O primeiro deles é Sandro Botticelli, da escola florentina. Seu aprendizado muito se deveu a dois grandes mestres: Filippo Lippi, que lhe ensinou o desenho, e Antonio Pollaiuolo, que lhe revelou o nu e a antiguidade. Em suas obras, Botticelli compõe alegorias mitológicas (*Nascimento de Vênus* é um exemplo) literárias e cenas religiosas nas quais expressa um requintado intelectualismo. Aprecia os belos trajés, os nus são castos, a linha sugere o volume, admira as miniaturas orientais. Seus deuses e deusas habitam o império

celeste. Suas virgens e santas são irmãs dessas deusas, iluminadas por uma luz divina que se reflete em seus rostos.

A maior figura da pintura renascentista, entretanto, é Leonardo da Vinci. Não podemos compreender esse gênio da escola florentina sem conhecer os seus manuscritos, fruto de suas experiências e meditações de seu espírito universal.

Leonardo considerava-se em primeiro lugar um cientista. Imaginou máquinas volantes, estudou mecânica, geologia, óptica, hidráulica e muitas outras ciências. Compôs um tratado sobre anatomia em que registrou suas descobertas.

Tais pesquisas explicam a segurança com que desenhava o esqueleto e a musculatura do homem, do cavalo e de diversos animais. Estudioso também da botânica, muitos de seus quadros revelam minúcias de muitas plantas desenhadas.

O claro-escuro desse artista é uma consequência, ao mesmo tempo, de sua visão e de suas teorias. A perspectiva, na sua visão, é geométrica, como também aérea. Na sua natureza, ele introduz seres que não existiriam para o homem sem a luz.

Desenvolve uma técnica primorosa de esfumaçamento (*fumato*) em que procura banhar todo o quadro de uma neblina suave e evocativa, dando-lhe uma aura de mistério. Na *Mona Lisa* conseguiu uma harmonia espacial excepcional ao diluir as distâncias, proporcionando um sentido de profundidade admirável. Na *Santa Ceia*, fez um estudo psicológico importante sobre as personagens, além de destacar as linhas verticais, a proporção admirável e uma excelente imagem perspectiva.

O maior representante da escola veneziana é Ticiano, que domina toda a primeira metade do século XVI. Sua personalidade se afirma na pintura de cores quentes e luminosas, com uma composição suntuosa e o vigor do espaço atmosférico. A antiguidade sugere-lhe assuntos, mas os motivos são por ele encontrados na realidade. Tem um grande apego à vida e à beleza feminina, como bem demonstra a sua *Vênus de Urbino*. A natureza,

outrora seca, com ele desabrocha. A paisagem com frequência é mais importante que as figuras. Sua obra *Bacanal* ilustra bem essa afirmação, Ticiano foi um dos primeiros a nos dar um tipo de paisagem moderna.

Rafael, da escola romana, destaca-se pela delicadeza de traços, pela conciliação do paganismo com o cristianismo e pelo equilíbrio entre a linha e a cor. Geralmente o conhecemos como pintor de madonas, tipos ideais e serenos de beleza feminina, suaves, um pouco lânguidas, muitas vezes convencionais, pois muitas de suas obras foram praticamente feitas por discípulos. Mas possui eminentes qualidades. Destaca-se, por exemplo, como compositor, isto é, pelos valores expressivos na organização e distribuição dos elementos, massas, volumes, áreas, cores e linhas nos seus quadros, aplicando com sensibilidade os princípios matemáticos e geométricos, então bastante em voga entre os pintores italianos. Teve um sentimento do espaço, articulando-o com os volumes. Deixou alguns dos mais belos e eloquentes retratos da pintura universal, tanto pela acuidade da observação psicológica, segurança de técnica, como pela simplicidade e bom gosto da composição. Finalmente, destacou-se como fresquista nas decorações da Basílica de São Pedro cujas *stanzes* revelam energia de desenho e cor que muito o aproxima de Michelangelo.

Por último, não em ordem de importância, resta mencionar um artista que, por sua originalidade, torna-se um verdadeiro solitário, difícil de ser classificado dentro das características gerais dessas escolas. É Michelangelo, escultor, pintor, arquiteto e poeta. A pedido do papa Júlio II, pintou o teto da Capela Sistina, dividindo-o em nove retângulos, contando a história da criação do mundo e do homem. No fundo desta mesma capela, pintaria o *Juízo final*, monumental afresco com 17 metros de altura por 13 de largura. É uma obra magnífica por sua exuberância de formas e linhas concebidas em plena Renascença e que prenuncia o Barroco.

A arte, para ele, é antes de tudo, espírito. O corpo não está destinado a sugerir a beleza carnal, a voluptuosidade, mas a beleza

moral. Admira o antigo e sustenta que o artista não deve respeitar as formas, mas sim penetrar-lhes o espírito. As figuras vivem o drama interior.

Escultura

O maior escultor do Renascimento italiano foi também Michelangelo. Suas próprias pinturas, pelo vigor do desenho e dos volumes, possuem caráter escultórico.

Sua carreira artística começou, aliás, como escultor, ao assinar aos 23 anos de idade, com um cardeal francês, contrato de execução de sua primeira e famosa *Pietá*, a Virgem com o Cristo morto no colo, atualmente na Basílica de São Pedro, em Roma. Segundo os observadores, sua obra-prima.

Em 1501, por encomenda da Signoria, começa a executar em Florença, num bloco de mármore abandonado junto à catedral, a estátua colossal de *Davi*, outrora à porta do palácio Vecchio, substituída depois por uma cópia, cujo original está hoje na Academia de Arte da cidade. Dotada de grande técnica, tem algumas características marcantes como: eloquência, heroísmo, força, visão dramática e grandiosa do mundo.

Ghiberti, escultor florentino, destacou-se com suas duas portas de bronze no Batistério de Florença. A sua *Porta do paraíso* prima pela composição realista, justeza do modelado e senso de profundidade. As cenas do *Velho testamento*, desde a criação de Adão e Eva até o encontro de Salomão com a rainha de Sabá, no templo de Jerusalém, superam as expectativas.

Outra figura importante na escultura italiana foi Donatello, realista, com suas figuras carregadas de verdade humana, com fortes influências da escultura romana, como provam as suas obras: *Davi* e *Gattamelata*.

Não podemos esquecer a obra de Benvenuto Cellini. Distinguiu-se como ourives e medalhista. Os trabalhos apresentam uma riqueza do cinzelado e um sentimento de nervosa e requintada elegância. O seu *Perseu* em bronze, na Loggia dei Lanzi, em Florença e o retrato de Cosme de Médicis, no museu Bargello, também em Florença, exprimem muito bem o seu preciosismo e a elegância de formas.